

ARTE E CULTURA ONLINE

Tema: **Fotografia**

Autor: Gabriel Domingos

Data: 15 de Dezembro de 2016



*Um crítico é um leitor que ruma
Friedrich Schlegel¹*

ARTIGO

ANÁLISE DO TEXTO «FOTOGRAFIA E FOTÓGRAFOS - ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL»
DE MARIA TERESA SIZA

Resumo:

Tomando por base o Tema da História da Fotografia em Portugal propõe-se neste artigo uma breve análise ao texto «Fotografia e Fotógrafos - Antes e Depois da Revolução do 25 de Abril» de Maria Teresa Siza, publicado na Revista Camões, nº 5, 1999, pretendendo-se distinguir e caracterizar sumariamente os subperíodos em que se pode dividir a actividade fotográfica em Portugal, segundo o texto de M.^a Teresa Siza e os fotógrafos coevos que mais de destacaram em cada um dos subperíodos.

Palavras-chave: História da Fotografia em Portugal, Maria Teresa Siza



**Fotografia
e fotógrafos,
antes e depois
da Revolução
do 25 de Abril**

M.^a Teresa Siza

Nota do autor:

Estando em Desacordo com o Acordo Ortográfico de 1990 os artigos são escritos de acordo a não contribuir para a destruição dos vestígios do nosso património cultural e no consequente afastamento ante as línguas que preservaram as raízes etimológicas, como acto de resistência da inteligência sobre a ignorância.

Os subperíodos em que se pode dividir a actividade fotográfica entre nós, segundo o texto de M.^a Teresa Siza, são vários, onde o traço comum a todos, é o de sermos um País secundarizado, em relação a outros, mais evoluídos, quer na técnica, quer nos movimentos estéticos da fotografia, tendo Portugal conseguido acompanhar esse evoluir da fotografia.

Verificamos *primeiro subperíodo* da actividade fotográfica entre nós, o pictorialismo e o naturalismo, que foram a “(...) *primeira etapa de afirmação da fotografia como arte*”ⁱⁱ. Neste subperíodo, a fotografia é, primeiro, naturalista, sendo essencialmente um meio documental, que retratava a etnografia dos costumes regionais portugueses, onde estes fotógrafos são os puristas da fotografia, pois procuram a fotografia directa sem artifícios ou manipulações. Em segundo, surge posteriormente na primeira década de 1900, a fotografia com a utilização de uma linguagem cuja formação é apoiada unicamente na pintura (a designada “*pintura-fotografia*”), principal fonte de inspiração, onde utiliza conceitos da tradição pictórica, como a composição cuidada da pintura (de paisagem bucólica), em que a fotografia se tornava um campo de construção de sentido. Com técnica de composição e atenção perceptiva o artista da fotografia deveria ter o controlo da construção da sua imagem, o que destitui a fotografia de uma acção mecânica e casual. Vemos fotógrafos neste subperíodo da actividade fotográfica, como Joshua Benoniel ou, de maior expoente deste período, o discípulo de Emílio Biel, Domingos Alvão que, conjuntamente o portuense Marques Abreu, são não só os representantes da fotografia portuguesa do final do séc. XIX “(...) *mas são também a ponte entre a fotografia descritiva e naturalista e a fotografia pictorial da década de 1910* (...)”ⁱⁱⁱ.

Verificamos como *segundo subperíodo* da actividade fotográfica entre nós, os Modernistas, onde se começa a substituir a pintura e o desenho, pela fotografia (SIZA:1999,p.138), onde a rotogravura ou a ocogravura, promoviam as “(...) *características visuais do modernismo fotográfico: imagens caleidoscópicas, vibrando de brilhos, texturas ou desfoques*”^{iv}. Destacam-se os fotógrafos Modernistas, Deniz Salgado, Salazar Diniz, Ferreira da Cunha, Marques da Costa, José Lobo, todos foto-repórteres ou Mário Novaes, Horácio Novaes, Silva Nogueira, San Payo, Judah Benoliel (Pai de Joshua Benoliel), Lacerda Nobre e Domingos Alvão.

Verificamos como *terceiro subperíodo* da actividade fotográfica entre nós, o mais lato de todos, o do Estado Novo, onde este subperíodo ainda se desdobra em novos subperíodos, que não são mais do que o encadeamento da evolução de todos eles. A fotografia ao longo do Estado Novo é instrumentalizada ao serviço da propaganda e publicidade do regime, onde foi pela mão, primeiro dos Modernistas, que o regime se apropriou da mesma para esses fins, devido ao desenvolvimento da técnica da sugestão (SIZA:1999, p.138-139). Neste período, a Política Cultural exercido por António Ferro, na direcção do Secretariado de Propaganda Nacional, aliada ao poder de compra do Estado Novo (à semelhança de outros Países), impõem a submissão de quem se quer dedicar a tempo inteiro como fotógrafo. “*Álbum Portugal 1934*” e “*Álbum da Exposição Colonial*”. Verificamos neste período fotógrafos, Domingos Alvão e Alberto Pessoa (SENA:1982, p70-72), que são “(...) *as raízes das duas tendências da fotografia contemporânea, expressionistas e inexpressionistas*”^v. O filme e a fotografia, reforçadas pelas artes gráficas, consolidam o regime publicamente, vincando na retira o cânone estético pretendido do Regime.

Assistimos ao salonismo Português, “(...) *a um longo período de intermináveis participações de Salões e Concursos, nacionais e internacionais* (...)”^{vi}. Toda a vida associativa, enquadrava-se nas corporações autorizadas pelo Estado e controladas pelo mesmo, que foi até aos anos 70, com clubes e grupos recreativos e culturais de fotografia, sempre suportados pelo poder económico, político e desportivo. O Grémio Fotográfico Português, regulava os Salões fotográficos, para amadores liberais e profissionais com selecções artísticas exporem, bastante semelhantes aos designados foto-clubes em França, na época, bem como o Grémio ainda controlava a organização de exposições e concursos. A revista Objectiva (1937-1945) é outro exemplo do *status quo* normativo do que é a prática da fotografia neste subperíodo, onde a criatividade é sempre dentro destas linhas definidas e a aprovadas pela Política Cultural do Estado Novo. Fora dessas linhas, apenas para quem tem forte poder financeiro, para ser independente e, claro está, sempre em privado, nunca no espaço público, como foi o caso do fotógrafo surrealista, Fernando Lemos, que chegou a expor na Casa JACO (em 1952).

Os anos 50 são do impacto da fotografia subjectiva alemã. Em Itália dominam as vanguardas conceptualistas, contra uma pertinente fotografia neo-realista. Em Portugal, a técnica de impressão rotogravura predomina, com fotógrafos como Vitor Palla e Costa Martins, que em 1958 expõem em Lisboa e Porto, *Lisboa, Cidade Triste e Alegre*.

Portugal caracteriza-se durante os anos 50 e 60, quase sempre por ser um País receptor ao trabalho estrangeiro vindo do “Outro”, emanado por Embaixadas, sem ter capacidade de se afirmar, por sua própria iniciativa, com projectos fotográficos próprios e distintivos.

O quarto subperíodo da actividade fotográfica entre nós, é a dos anos 70. Os anos 70 passam por vários momentos, onde numa fase inicial, é de várias indeterminações (SIZA:1999,p.141) e outra, a do impacto da “invasão” externa dos Foto-repórteres de agências noticiosas (e não só) da actualidade, que surgem no período do 25 de Abril, para cobrir a revolução dos Cravos e a sua dinâmica, onde o reflexo é o de uma fotografia militante, “(...) *suporte a manifestações cívicas e militares* (...)”^{vii}; o fotojornalismo e o documentalismo reinventam-se e ressurgem, onde nomes como Helena Almeida, Paulo Nozolino e Jorge Molder, se impõem, sendo o suporte para a geração criativa — a dos festivais de fotografia — dos anos 80 e 90, que vingam como novo estilo de criatividade e presença, tendo o Estado, finalmente, valorizado a fotografia, através do Ministério da Cultura, em 1997, criando organismos de apoio.

Bibliografia:

- SENA, António (1991). “*Sínteses da Cultura Portuguesa - Uma História de Fotografia, Portugal 1839 a 1999*”. Commissariado para a Europália 91, Portugal, INCM — Imprensa nacional Casa da moeda.
- SENA, António (1991). “*Uma História de Fotografia*”, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SIZA, Maria Teresa (1999), “*Fotografia e fotógrafos, antes e depois da Revolução do 25 de Abril*” publicado na Revista Camões, nº 5.

Video-documentários

- SENA, Jorge (1982), RTP. “*A Luz dos Fotógrafos: de 1820 a 1920*”, Série “Olho de Vidro”, 18 Vídeos RTP. Episódio 1 [consultado a 09/12/2016]. Disponível na Internet: em <URL> <http://www.rtp.pt/arquivo/index.php?article=3329&tm=66&visual=4> e, Episódio 2 [consultado a 09/12/2016]. Disponível na Internet: em <URL> <http://www.rtp.pt/arquivo/index.php?article=3331&tm=66&visual=4>

Notas de fim

ⁱSCHLEGEL, Friedrich (1994). *Conversa sobre Poesia e outros Fragmentos*. Tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, p. 83.

ⁱⁱ SIZA:1999,p.138.

ⁱⁱⁱ SENA:1982,p.70

^{iv} Idem

^v Ibidem:1982,p.72

^{vi} Ibidem:1982,p.83

^{vii} SIZA:1999,p.141